

DIÁLOGO INTERCULTURAL E RELIGIOSO



CENTRO
CULTURAL
DE BALSAMÃO

2022

DIÁLOGO INTERCULTURAL E RELIGIOSO

XXIV JORNADAS CULTURAIS DE BALSAMÃO

ORGANIZADORES

Basileu dos Anjos Pires, MIC

Carlos d'Abreu

Fernando Andrade Lemos

João Bartolomeu Rodrigues

José Maria Silva Rosa

Levi Leonido Fernandes da Silva

Luís Vale

Rui Leal Leonardo



CENTRO
CULTURAL
DE BALSAMÃO

Balsamão – Chacim

2022

© Todos os direitos reservados

DIÁLOGO INTERCULTURAL E RELIGIOSO

1.ª edição: setembro 2022

Editor: Centro Cultural de Balsamão

Capa: Carolina Grilo

Paginação: Rafael Cabo

Produção editorial & impressão:

Monte Riego (Espanha)

DL LE 347-2022

ISBN 978-84-12531176

ÍNDICE

Introdução

José Maria Silva Rosa

7

A Migração: um intercâmbio que nos enriquece
Berta Ferreira Milheiro Nunes

15

O que é o diálogo? Leis do autêntico diálogo
José António Domingues

21

A Escola e a educação para a interculturalidade
Jorge Novo

39

A Inclusão dos Migrantes e Refugiados
Eugénio Fonseca

53

Armando Martins Janeira, um diplomata, ensaísta e artesão...
Pedro Teixeira da Mota

67

O Diálogo inter-religioso no Concílio Vaticano II
Basileu do Anjos Pires

105

O diálogo intercultural e religioso e a Encíclica *Fratelli Tutti*...
+José Manuel Cordeiro

123

A sagrada descrença na obra de Miguel Torga
Maria da Assunção Anes Morais

129

A Miguel Torga. "Sagração" de São Leonardo de
Galafura, em Sol Maior
José Maria Silva Rosa

151

Os ciganos e a sua inserção com os aldeões <i>Maria de Fátima Alves & Augusto Castanheira</i>	159
O diálogo raiano em torno da livre navegação no rio Douro <i>Carlos d'Abreu</i>	171
Diálogo linguístico entre os fidalgos e os mirandeses <i>Celina Bárbaro Pinto & António Bárbolo Alves</i>	187
Carção: Capital do Marranismo <i>António Júlio Andrade</i>	209
A Senhora, entre "Perros" e "Cabrões", mediadora social e cultural em Carção <i>Lúis Vale</i>	225
A experiência intercultural e religiosa de Francisco de Torres <i>Rui Leal Leonardo</i>	249
Olhar o Céu para compreender a Terra <i>Fernando Andrade Lemos & José António Silva</i>	259
Leituras históricas na Raia brigantina: diálogos hispano-lusos no contexto tridentino <i>Alexia Dotras Bravo</i>	285
O 'Projecto para uma Ética Mundial' e o 'caminho das pedras' daquilo que nos separa. <i>José Maria Silva Rosa</i>	315
Reportagem Fotográfica <i>José António Silva</i>	341

Introdução

*Diálogo quer dizer através da palavra (diá+logos), circulação do logos, pergunta e resposta, colóquio, entrelace, conversação, e arranca de uma experiência antropológica fundamental: embora, segundo a tese aristotélica, sejamos por natureza animais falantes e detentores do logos, só falamos porque temos interlocutores, porque vivemos uns com os outros. E por sermos assim entes políticos, polidos pelo convívio, somos seres de relação que não se bastam a si próprios e para quem a alteridade é essencial. Deste modo, e contrariamente ao que o coro da tragédia grega *Antígona* de Sófocles cantava (*o homem aprendeu por si próprio a fala e o alado pensamento*, vv. 355-6), aprendemos a dialogar dialogando com outros, e estes com outros antes deles, regredindo sempre até ao grito antropoide mais arcaico... E mesmo que o nosso logos seja parcial, a finitude e a contingência humanas não nos condenam à solidão e à mudez própria dos anacoretas, dos eremitas, das bestas ou, diz-se, de alguns deuses. Antes nos compelem à *responsabilidade*, isto é, termos uma voz e respondermos (por) nós próprios diante de quem nos interpela ou mesmo perante a nossa própria consciência moral. Ademais se, como quer o discípulo Platão na esteira do Mestre dos Mestres do diálogo, Sócrates, a Filosofia é, precisamente, esse "diálogo da alma consigo própria" (*Sofista*, 263 e), tal só se nos tornou possível porque há um Logos imemorial, um laço analógico que antecede e liga todos os nossos *logoi* (palavras, razões, argumentos...) e cuja origem sempre nos escapa. Não podemos recuar para trás da linguagem*

para chegar à linguagem. Quando damos conta, já estamos nela embarcados desde sempre: *seres-com, coesse, être-avec, to-be-with, Mitsein...* A relação é uma dimensão essencial da antropologia e da cultura contemporâneas, em autores como E. Husserl, E. Cassirer, M. Buber, E. Mounier, G. Marcel, J. Nabert, E. Levinas, H.-G. Gadamer, P. Ricoeur, J.-L. Marion, M. Henry... — apenas para referirmos alguns. Seres de diálogo, portanto: ínterim e desígnio inevitável, horizonte muito sedutor até, embora a sua prática se nos revele particularmente difícil. Porque se a falar é que a gente se entende, também é a falar que a gente resiste e se pode desentender (“L’enfer, c’est les autres”, dizia Sartre em *Huis Clos*). Amiúde o *Logos* declina-se e fracciona-se em muitos, equívocos e incomensuráveis *logoi*.

Parece, pois, que, ainda no pórtico, nos confrontamos com asserções antitéticas sobre o diálogo. Por um lado, devido ao fascínio pela inspiração poética dos aedos ou pela *adivinhação* do verso seguinte, do *verso que está a vir e por vir*, experiência bem patente nas ‘desgarradas’ e certames poéticos das culturas arcaicas, predominantemente orais, descobrimos que, embora sejamos *homines loquentes*, não estamos na origem da palavra que usamos, que não a dominamos. Há um verbo que nos antecedeu e que nos *apela*, que se nos dá desde logo também na *língua aprendida no colo e no leite maternos*: a língua nativa de cada um de nós. Não obstante, da fala da nossa mãe, segundo vários mitos sobre a origem das línguas, acabamos por ser reenviados para outra matriz, ainda mais arcaica, para a ideia ou convicção de que houve uma revelação primordial, de que originariamente o *logos* só pode ser de natureza divina: “no Princípio era o Verbo” conforme a intuição fulgurante no prólogo do evangelho de São João, na esteira do *Génesis* e de muitas outras narrativas sobre a demiúrgica e criadora fala dos deuses. E a ideia de que “foram os deuses que nos ensinaram a falar” ecoa ainda no *Crátilo* de Platão.

Por outro lado, temos também em nós a experiência irrefutável de que *a palavra se faz carne* em nós, que é insofismavelmente nossa, que começa connosco. Num certo momento do nosso desenvolvimento infantil, diz-nos a psicologia cognitiva, houve em nós a descoberta deslumbrante da linguagem, dos seus poderes, milagres e sortilégios. Primeiro, como uma espécie de *monólogo* ou *lalar* interior, qual conversa automática que se dá em nós, em imaginação criadora de histórias, de animação do mundo, no qual todos os objectos são investidos de voz. Mas acto contínuo também como reenvio transformador para a própria realidade: “Ephata!”, “Abre-te!” (Mc 7, 34). Não deixa de ser para nós motivo de espanto e reflexão que grandes Mestres da humanidade, como Buda, Sócrates, Cristo, etc., muito tenham dialogado, mas nunca tenham escrito nada. Outros passaram a escrito, ataram, ‘crucificaram’ (muitas vezes num género literário chamado ‘diálogo’) o que eles disseram de viva voz, em presença dialogante. Mantinham-se assim numa tangência originária e performativa entre Palavra e Realidade, livres para o *Espírito que sopra onde quer, cuja voz ouves, mas não sabes de onde vem nem para onde vai...*

Nós, porém, já vivemos, ou parece que vivemos, num momento de *queda logóica*, de gaguez e impotência, de palavra torturada e humilhada. Um momento imorredouro e exemplar deste tipo de prova relata-no-lo Santo Agostinho, logo a abrir as suas memórias linguísticas mais fundas, em *Confissões* I, 6, 11; 8, 13. Relembra o seu espanto infantil com a passagem do bruaá tosco, rude e sem sentido das palavras escutadas para, depois, seguindo o olhar, a fisionomia e os gestos dos adultos, tentar descobrir o seu significado e referente material: elas eram afinal sinais na alma das coisas (*rerum signa essent*) a que nos queríamos referir! Tentava então imitar os gestos e os sons, mas o resultado não era verosímil. E foi assim, diz ele, que penetrei nesse imenso, e tantas vezes equívoco, diálogo que é

a “tempestuosa sociedade da vida humana” (*et uitae humanae procellosam societatem altius ingressus sum*). E confessava-nos outrossim a sua indignação pueril e o choro vingativo quando os pais e os adultos não se punham ao seu serviço e se sujeitavam ao que, caprichosamente, ele lhes ‘ordenava’ que fizessem, e não levavam a sério as suas vontades de menino entufado. Os mais velhos não se submetiam à ‘magia’ que ele descobrira nas palavras... (*indignabar non subditis maioribus et liberis non seruiantibus et me de illis flendo uindicabam*). O que nos remete para o imenso problema da ambiguidade, da polissemia, dos modos verbais e da excessiva pluralidade das palavras, que, menino ainda, já ‘sofria’ dentro de si próprio e das quais, depois, em adulto, impetrará libertação: “Livra-me, meu Deus, da loquacidade de que sofro no interior da minha alma. Eu não estou calado em pensamentos, mesmo quando estou calado em palavras.” (*De Trinitate XV, 28, 51*). Poucos como Santo Agostinho (354-430), ao longo dos seus atribulados quase 72 anos de vida, se terão confrontando com as tantas possibilidades e variantes do diálogo, do monólogo, do solilóquio, do alóquio, e das verdades, meias-verdade, hesitações, mentiras, logros, ilusões, alçapões e tudo mais que perpassa o verbo. Não é aqui o lugar para esse rico inventário. Apenas notar que Agostinho foi o maior *tradutor* da Antiguidade Tardia no que precisamente se refere aos dois adjectivos presentes no nosso título: *intercultural e religioso*. Mas, apesar da oportunidade e da tentação, não trouxemos Santo Agostinho para esta conversa.

* * *

O ramalhete de textos, de fotos e de sentidos — múltiplos *logoi* — que compõem o presente livro, não obstante terem como tema e objeto de estudo precisamente o *Diálogo Intercultural e Religioso* e, por isso, se situarem de certo modo num nível superior de análise, não escapam sem mais para o plano puramente

teórico. Radicam ao invés num espaço e num tempo concretos, a partir de uma oportunidade e de um determinado contexto que os fez nascer: diálogos havidos no Convento de Balsamão, em Chacim, Macedo de Cavaleiros, em outubro de 2021, à semelhança do que se costuma fazer todos os anos. São vozes e olhares plurais, cruzados, de variegada proveniência, situando-se alguns a meio caminho entre o ensaio geral e o estudo de caso. Um exemplo: as migrações são hoje incontornáveis espaços de diálogo, como bem alerta o Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti, et alibus*, ideia que vários autores aqui retomam também por via das ambiguidades que se nelas detectam: se os rostos que, em vagas sucessivas, têm chegado à ilha de Lampedusa, a Melilla ou, embora menos, também ao Algarve, em muitos acordam medos e são ocasião de etnocentrismo e de xenofobia, as migrações são também uma oportunidade para enriquecimentos vários, para uma abertura e um diálogo mais fundos, porque de certo modo *todos somos migrantes* e “não temos aqui morada permanente” (Hb 13, 14). A parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25 - 37), por outro lado, é a permanente instância crítica das nossas práticas de inclusão e de exclusão, do nosso amor / *caritas* em acto ou da ausência dele, de aquilatar o alcance social e político da nossa ideia de ‘amizade’ (v.g., no caso dos Chabotos, uma minoria cigana transmontana, hoje em dificuldades identitárias entre a nostalgia de uma vida nómada que acabou de vez, as dificuldades de *inscrição* num lugar e as muitas exclusões / estigmas sofridos no dia a dia). Para tal, como alguns aqui bem salientam, o papa propõe a via da “sinodalidade” que, justamente, quer dizer *fazer caminho em conjunto*.

Não há dúvida de que o Papa Francisco renovou aqui uma das ideias centrais do Concílio Vaticano II (1962-1965). Recordemos, entre outros documentos, a Declaração *Nostra Aetate* que exprime o que os Padres Conciliares determinaram no que respeita ao diálogo e à abertura da Igreja Católica relativamente

às religiões não-cristãs: o hinduísmo, o budismo, o islamismo, mas de modo especial o judaísmo, por razões históricas ligadas às torturas, às perseguições e às mortes praticadas pela Inquisição e por muitas outras formas antissemitismo ao longo dos séculos. Nisto, aliás, o Concílio Vaticano II romperá com práticas seculares de exclusão (v.g., os famigerados cânones 67, 68, 69 e 70 do IV Concílio de Latrão, 1215, e os famosos improperios de Sexta-Feira Santa contra os Judeus, entre outros exemplos) e mostrava-se praticante de uma hermenêutica histórica, crítica, bíblica e literária bem mais alargada, a recordar aquela que, em simultâneo (*Verdade e Método* foi publicada em 1960) H.-G. Gadamer estava a defender e a praticar, segundo a qual toda a filosofia e cultura são diálogo entre o passado, o presente e o futuro, uma interpretação ampla e actualizante que opera uma 'fusão dos horizontes'. Esta é a ideia central de um dos textos que se seguem sobre o diálogo. E se tal é válido em geral, dois estudos de caso podem aqui confirmá-lo, cada um à sua maneira: Armando Martins de Janeira, um transmuntano do século XX indefectivelmente devotado ao diálogo luso-nipónico, amigo pessoal do famoso escritor japonês Shusaku Endo, e Francisco de Torres, filho de um moncorvense do séc. XVI, que, tendo vivido 20 anos em Marrocos como muçulmano, tendo aí casado duas vezes e tido filhos, encontrou à sua espera ao chegar a Portugal, em 1607, o zelo desconfiado da Inquisição. Exemplo de outro tipo de diálogos podemos encontrá-lo na vida também e na obra de Miguel Torga. No caso, mediante a tensão, a luta / diálogo entre "Jacob e o Anjo" (Gn 32, 22-32), ou seja entre as torquianas *Crença* e *Descrença* em Deus — numa certa imagem de Deus — relação de conflito que perpassa a sua prosa (v.g., nos *Diários*, e não só) e a sua poesia. Se é certo que esta relação telúrica com a terra duriense de São Martinho de Anta, com o xisto e o duro granito, com a torga e a vinha, tem laivos de um conflito mais antigo e pagão, entre a Terra e

o Céu (ou pelo menos com certas idealizações deste), também é verdade que certos momentos e lugares (v.g., São Leonardo da Galafura, qual amurada de ímpar navio para uma paisagem de cortar a respiração), puderam e podem ser espaços de inspiração poética e de transfiguração da experiência, como a ele e a outros aconteceu. Donde alguns dos capítulos da presente obra se concentrarem no território: quer no rio Douro e nas ambiguidades que, ontem e hoje, o perpassam: utilização e navegabilidade de onde até onde? Com barragens, eclusas e iates para "inglês ver"? "Estrada" ou "fronteira" diplomática entre Portugal e Espanha? Visitas turísticas que nada dizem aos locais? Novas 'políticas de transporte'? Quer, noutros textos, olhando para o céu espelhado no mesmo rio: das inscrições e das marcas no terreno, voltam-se esses textos para a imemorial experiência nocturna do "céu estrelado acima de nós" em terras de Trás-os-Montes, Alto Douro, Riba-Tua e Riba-Côa, deixando-se guiar aí pelas as constelações celestes, sinais e animais míticos inscritos na abóbada, geografia sagrada com que, mimeticamente, gerações e gerações, se projectaram no firmamento, criando Estradas de Santiago e caminhos lácteos a partir da mais dura e inóspita orografia terrestre. Naturalmente, à beira do mesmo rio revoltado, entragado entre fidalgos e camponeses, o mirandês é a montante exemplo ímpar de outra forma de diálogo difícil, de interlocução pertinaz entre o passado e o presente, fala que resiste e persiste até ao paradoxo: quando mais reconhecida e lavrada em letra fidalga, mais ameaçada se vê porque as formas rurais de vida que lhe deram origem confrontam-se hoje com a extinção. Outrossim, diante da ampla raia ásturo-leonesa, porosa e privilegiadamente oral, pode e deve-se também atentar na presença do livro impresso, mormente se trata de tesouros perdidos, como o extraordinário *Livro de Missas, Magníficas e Motetes* de Diego de Bruceña. Foi também com esse intento de recuperar *coisas antigas e*

sempre novas que se revisitou o Arquivo Distrital de Bragança: dar voz a autógrafos, documentos, livros, etc., em português e espanhol, extraviados nas dobras da História, mas muito relevantes para o diálogo intercultural fronteiriço numa época (a da contrarreforma tridentina) de intensa troca cultural entre Portugal e Espanha. Finalmente, e face às tantas guerras que grassam hoje pelo mundo, especialmente as de base religiosa (e a tese de H. Küng é de que “não haverá paz no mundo enquanto as religiões não fizerem as pazes entre si”), situação que alguns já chamaram “clash of civilizations”, terminamos com uma pergunta: por onde devemos começar um diálogo? Por aquilo que nos une e nos é comum ou, ao contrário, pelo “caminho das pedras” daquilo que nos divide e nos separa? Apresentam-se, assim, duas perspectivas diferentes (de H. Küng e P. Ricoeur) para o chamado diálogo inter-religioso.

Afirmava Heraclito de Éfeso, no frag. 115, que *a alma tem um Logos que se aumenta a si próprio*. Encontrada a sua medida, porém, se quer demonstrar, *o logos tem de parar (khrê stênai)* replica Aristóteles no livro alfa minúsculo da *Metafísica*. No que nos diz respeito, também já basta; é tempo de *parar*, embora não tenhamos a pretensão de qualquer última palavra. Que esta seja dada antes aos autores que se seguem e aos quais muito agradecemos.

16 de julho de 2022
Pela Comissão Organizadora,
José Maria Silva Rosa

A Migração: um intercâmbio que nos enriquece

Berta Ferreira Milheiro Nunes¹

Resumo: A tendência para o etnocentrismo é explicada pelo medo e pela insegurança gerados pelo confronto com culturas diferentes. É importante aceitarmos e compreendermos a diversidade cultural, sem preconceitos.

Palavras-chave: multiculturalidade; diferença; conhecimento; abertura

Abstract: The tendency for ethnocentrism is explained by the fear and insecurity arising from the confrontation with different cultures. It is important to accept and understand cultural diversity without prejudice.

Key-words: multiculturalism; difference; knowledge; openness

Refletindo sobre esta temática das migrações ocorreu-me a lembrança da minha vinda para o interior, no início da minha carreira profissional. Percebi desde logo que estava numa cultura diferente e que precisava de compreender essa cultura. Descobri a disciplina Antropologia Médica, que haveria de me servir de base para a investigação que viria a transformar-se

¹ Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas